



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

AURIANI PEREIRA DA SILVA
EDIZELDA CAVALCANTE DE LIMA

**EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS:
Concepções e práticas docentes no Centro Infantil Irene Brelaz, em
Jacareacanga-PA**

ITAITUBA-PA
2022

AURIANI PEREIRA DA SILVA
EDIZELDA CAVALCANTE DE LIMA

**EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS:
Concepções e práticas docentes no Centro Infantil Irene Brelaz, em
Jacareacanga-PA**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profa. Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA-PA

2022

SILVA, Auriani Pereira da.
LIMA, Edizelda Cavalcante de

EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS: Concepções e práticas docentes no Centro de Educação Infantil, município de Jacareacanga-PA/ AURIANI PEREIRA DA SILVA; EDIZELDA CAVALCANTE DE LIMA - Itaituba: CLPP da FAI, 2022.

57 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Pedagogia de gênero. 2. Educação Infantil I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2022.

AURIANI PEREIRA DA SILVA
EDIZELDA CAVALCANTE DE LIMA

EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS:
Concepções e práticas docentes no Centro Infantil Irene Brelaz, em
Jacareacanga-PA

Monografia de graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Me. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Edilane da Silva Melo

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 12 de agosto de 2022.

Dedicamos a Deus em primeiro lugar, por este trabalho e a nossos familiares por toda ajuda durante esses anos de caminhada acadêmica!

AGRADECIMENTOS

Toda honra a Deus pela minha vida e todas as bênçãos alcançadas, por estar sempre me guiando nos momentos mais difíceis com força e coragem, Deus me mostrou que tudo é possível quando se tem fé.

Agradeço minha mãe, **Auricélia Pereira da Silva** por acreditar em mim e sempre está fazendo o melhor.

As minhas irmãs, **Aurizete e Aurilete**; a vocês minha eterna gratidão.

Agradeço a minha orientadora professora mestra **Elina Renilde Ribeiro** que esteve sempre comigo contribuindo para o desenvolvimento do trabalho, pela paciência em acreditar em mim.

Agradecer minhas grandes motivações meus filhos, **Gabriel Pereira Sousa e Maria Heloísa**, por serem fortes em todos os momentos da minha vida e ajudar a conquistar meus objetivos.

Aos meus amigos **José Valdenir, Rômulo, Ceydiane, Edizelda, Marlete, Cristiane, Helena e Juliana** pelas palavras de incentivo.

À Professora **Elines Batista** que me motivou a não desistir e a todos os profissionais da FAI.

Aos professores da escola pesquisada.

Auriani Pereira da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus em primeiro lugar, por ser minha fortaleza e me dar forças para que não desistisse nesses anos de caminhada acadêmica, pois tinha que ir até Itaituba buscar conhecimento e alcançar o objetivo profissional.

Agradeço minha mãe, **Tereza Cavalcante** e a meu pai, **Pedro Paulo** por todos os conselhos e parceria de sempre.

Aos meus filhos **Mel, Maria Eduarda, Esther Zaira e Ezio Dominik** pela compreensão e incentivo.

Meus irmãos, **Jacinto e Edivaldo Pereira** que me incentivaram a cursar uma Faculdade, que ele não está mais entre a gente; agradeço a minha irmã **Soraia**.

E minhas amigas **Auriani, Rafaela, Marlete, Cleudiane, Cristiane e Juliana** pelo companheirismo e palavras de afeto.

Agradeço a minha orientadora professora mestra **Elina Renilde Ribeiro** pela compreensão e parceria durante a escrita desse trabalho, sendo uma pessoa luz que repassa seu conhecimento para que o acadêmico venha ser um bom profissional.

Minha ex-sogra que me ajudou muito e meu ex-marido **Leonel**.

Aos professores da escola pesquisada.

Edizelda Cavalcante de Lima

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar”.

(Albert Einstein)

RESUMO

A Educação Infantil é considerada a etapa inicial escolar do indivíduo, no entanto quando essa criança frequenta a escola terá um contato diferente daquele do seio familiar, e isso gera o conhecimento diante de culturas, etnias, religiões e dentre outros. Dessa forma muitas delas já vem com alguns pensamentos de casa relacionados ao gênero seja ele bom ou ruim, que menino não pode brincar disso, e menina não pode tal coisa, no entanto cabe ao profissional da educação realizar esse momento que intensifique e mostre a eles que não é assim. Este estudo tem como objetivo compreender a articulação das relações de gênero com as brincadeiras na prática docente de um Centro Infantil de Jacareacanga-PA, de modo a identificar a influência no desenvolvimento das crianças. Como metodologia foi aplicado um questionário a cinco educadores do Centro Infantil Irene Brelaz. A relação de gênero na Educação Infantil contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre os alunos. Quanto aos desafios dos professores em trabalhar com igualdade entre os gêneros ou falar dessa temática com seus alunos, destaca-se a falta de materiais pedagógicos e didáticos específicos para dinamizar as aulas e promover a qualidade no ensino infantil primando pela diversidade e a não violência.

Palavras-Chaves: Pedagogia de Gênero. Educação Infantil. Desafios dos professores.

ABSTRACT

Early Childhood Education is considered the individual's initial school stage, however when this child attends school he will have a different contact from that of the family, and this generates knowledge in the face of cultures, ethnicities, religions and among others. In this way, many of them already come with some thoughts at home related to the gender, whether it is good or bad, that boy cannot play with it, and girl cannot do such a thing, however, it is up to the education professional to carry out this moment that intensifies and shows them that is not so. This study aims to understand the articulation of gender relations with play in the teaching practice of a Children's Center in Jacareacanga-PA, in order to identify the influence on children's development. As a methodology, a questionnaire was applied to five educators from the Centro Infantil Irene Brelaz. The gender relationship in Early Childhood Education contributes to the promotion of gender equality among students. As for the challenges of teachers in working with gender equality or talking about this issue with their students, there is a lack of specific pedagogical and didactic materials to streamline classes and promote quality in early childhood education, striving for diversity and non-violence.

Keywords: Gender Pedagogy. Child education. Teacher challenges.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sujeitos entrevistados.....	41
Quadro 2. A EI pode contribuir para uma sociedade mais igualitária.....	43
Quadro 3. Visão sobre brinquedos menino e menina.....	44
Quadro 4. Contribuição para promoção da igualdade de gênero.....	45
Quadro 5. Posicionamento em situações constrangedoras.....	46
Quadro 6. Papel do professor diante das atividades.....	47
Quadro 7. Dificuldades e desafio em trabalhar igualdade de gênero.....	48
Quadro 8. Há diferença no tratamento entre meninos e meninas.....	49
Quadro 9. Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.1 CRIANÇA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.2 PRÁTICAS SEXISTAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.....	18
1.3 RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.....	23
2 QUESTÕES DE GÊNERO E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	27
2.1 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS E A RELAÇÃO DE GÊNERO.....	27
2.2 A QUESTÃO DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	32
2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR.....	36
3 EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL, MUNICÍPIO DE JACAREACANGA-PA.....	41
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS CENTROS DE EI.....	42
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA EI.....	43
3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES.....	56

INTRODUÇÃO

No passado a única diferença que as crianças tinham dos adultos era a estatura física, pois os pais já os colocavam para aprender e a trabalhar no ramo da família, não existia o contexto infantil de brincar e estudar, o que levava a casamentos cedo e retrocessos como o casamento arranjando. Na atualidade a criança é vista com o momento dela, desde a gravidez planejada até seu nascimento, sempre cuidada, paparicada pela família, e assim o cuidado com essas crianças desde seu nascimento até a vida adulta é cheia de comprometimento dos pais no seu melhor.

Gênero é conceituado como uma edificação histórica, social, cultural e educacional de burocracia existente entre homens e mulheres, atribuições entre os sexos femininos e masculinos, criando essa simbologia, que caracteriza a dominância masculina. Esse conceito foi criado pelas teorias e movimentos feministas para descrever a inferioridade das mulheres. No entanto o processo educacional é uma aliada para alcançar essa distinção levada desde o início da vida, e assim realizar um trabalho de igualdade entre ambos os sexos.

O referido trabalho tem como objetivo compreender a articulação das relações de gênero com as brincadeiras na prática docente de um Centro Infantil de Jacareacanga-PA, de modo a identificar a influência no desenvolvimento das crianças. Com base no exposto, elaborou-se alguns questionamentos que nortearão a investigação da temática levantada de forma a buscar respostas: Como os professores articulam as relações de gênero e as brincadeiras na prática da educação infantil? Os professores apresentam dificuldades em trabalhar com igualdade entre os gêneros ou falar dessa temática com as crianças? A prática dos professores contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre os alunos? Diante disso o estudo se justifica pela importância da questão de gênero que são práticas inseridas pelos profissionais em sala de aula para que essas crianças tenham consciência e responsabilidade no futuro.

Esta pesquisa terá como base autores que discutem o cuidar e o educar na educação infantil, enfatizando as relações de gênero. Estudar a questão de gênero nesta etapa da educação básica é fundamental, pois leva em consideração a singularidade das crianças, respeitando as suas dimensões culturais e sociais. Para a construção do trabalho foram usados alguns autores como: Auad (2017); Bujes

(2002); Falares (2008); Londes (2017); Louro (2013); Ribeiro (2007); Rocha (2013) e Silva (2016), dentre outros.

A estrutura dessa monografia contempla em seu primeiro capítulo sobre as relações de gênero na educação infantil; criança, infância e educação infantil e práticas sexistas na educação da criança. No segundo capítulo destaca sobre as brincadeiras e as relações de gênero na educação infantil; a questão de gênero e a formação de professores e os desafios do professor.

E para concluir o terceiro capítulo destacando a caracterização do Centro Infantil Irene Brelaz e análise da pesquisa realizada com a participação de cinco educadores que atuam na educação infantil do Município de Jacareacanga.

1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 CRIANÇA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

A palavra infância originou-se no latim, significando que não existe linguagem, existe dependência. Este é um termo cujo significado é difícil de esclarecer, pois sua diversidade possui muitas definições, pois é uma época, passada de geração em geração. Para Lajolo (2006, p. 229), “Como objeto de pesquisa, a infância está sempre relacionada a quem a nomeou e estudou”. A autora lembrou que as duas palavras “bebê” e “infância” estavam relacionadas a pensamentos silenciosos, o que ajudou a compreender o silêncio que permeou o conceito de infância, que quando se tornou objeto de pesquisa ou ainda existe, esse silêncio ainda é evidente.

Para Bujes (2002) a infância é do elemento ao sujeito, acredita-se que a geração do conhecimento sobre a infância está relacionada às normas de comportamento subjetivo das crianças e às instituições a elas dedicadas, portanto, a infância tornou-se um campo de interesse que as pessoas desejam conhecer.

Segundo Lajolo (2006, p. 230), esse conhecimento construído historicamente marca o conceito atual, “[...] Comparados com outros registros contemporâneos, alguns registros anteriores mostram que bebês e infância foram concebidos de forma diferente e foram tratados de forma diferente em diferentes épocas e lugares da história humana”. Assim, ao abordar a história social da criança, é necessário fazer referência ao significado de ser criança. Não só na Idade Média, mas hoje a sociedade ainda não percebe o que significa ser criança, e muito se fala sobre essas necessidades, cuidados e preocupações.

No entanto, é notório que desde a Idade Média, as crianças não eram compreendidas e tratadas dessa forma. Para Priore (1999), “Na mentalidade coletiva, a infância é entendida como um período sem expressão e sem grande personalidade. Diremos uma esperança possível, o que significa que as pessoas não a valorizam”.

No período da Idade Média ao século XIX, o nascimento dos filhos foi cercado por diversos rituais, que foram considerados a forma certa de trazê-los ao mundo e cuidar deles para que pudessem sobreviver. Por um lado, se as pessoas estão cheias de expectativas para o seu nascimento, por outro, é muito grave que falem os cuidados necessários para a manutenção das suas vidas.

Dentre os diversos motivos, alimentação e roupas insuficientes é o principal motivo da morte dessas crianças; e aquelas que sobrevivem, ainda precisam de cuidados constantes, não só físicos, mas também espirituais, pois em uma pessoa que acredita em feitiçaria e na feitiçaria, na idade da arte, a família que batiza seu filho está levando-o para o "céu". É por isso que a igreja tem uma boa expressão sobre o assunto, pois define a tolerância de oito dias para o batismo, que é, na verdade, uma das formas pelas quais as crianças entram na estrutura familiar e social.

Durante o período do século 14, as crianças eram tratadas como pequenos adultos e, portanto, como mão-de-obra extra no navio. A fome, as doenças venéreas, as guerras e os naufrágios têm reduzido a mão-de-obra adulta, permitindo que as crianças assumam esta tarefa. Para alguns pais, é uma forma de os filhos aprenderem a profissão e, para outros, é uma garantia de rendimento extra O caminho. Mas não importa o que essas crianças querem ou pensam, elas não se preocupam com a família e são lançadas sobre seus próprios dispositivos (PRIORE, 1999).

A partir do século XVII, as famílias começaram a criar retratos de seus filhos individualmente, e esse costume continua até hoje. Esta é considerada por Aries (1978) a fase final da pintura de retratos infantis. Desde então, esse carinho pelas crianças tem sido amplamente promovido por imagens, revelando uma cultura e valores que permeiam a infância há séculos.

Na perspectiva de Aries (1978), a infância é uma descoberta, não significa negar a existência biológica dos filhos ou mesmo negar o seu amor por eles, mas considerando que as pessoas, principalmente as famílias, passam a ver os filhos e a mudança no caminho de saber que as crianças estão nelas e sua situação especial é diferente da dos adultos.

O processo histórico da Educação Infantil sucedeu-se de forma lentamente, pois pouco se davam importância a este nível de ensino, que passava despercebido na vida escolar de muitos cidadãos. Tunes (2006, p. 06) nos revela que houve uma época em que a infância não existia e que os pequenos eram considerados adultos em miniaturas, ou seja, possuíam as mesmas responsabilidades que os adultos, e não tinham tempo e nem era dado a eles o direito de brincar, todavia foi no século XVII, que esta ideia de infância começou a ser aplicada e difundida. A partir daí a

sociedade começou a perceber que os mesmos tinham um modo totalmente diferente de ser, pensar e agir, ou seja, característico de sua faixa etária.

A educação e os cuidados das crianças por muitos séculos ficaram somente sobre a responsabilidade da família, particularmente das mães e de outras mulheres da própria família. Com as mudanças sociais, principalmente a revolução industrial, as mulheres foram levadas a sair de casa em busca de trabalho, surgindo assim a necessidade de um espaço que pudesse amparar os filhos das mães trabalhadoras.

[...] a concepção de infância é, portanto, uma construção social e histórica e varia de acordo com a organização da sociedade. As mudanças ocorridas na Educação Infantil estão ligadas a fatores políticos e econômicos, nos séculos XV e XVI, novos modelos educacionais foram criados para contrapor aos desafios constituídos pelo modo como a sociedade a sociedade europeia se desenvolvia (OLIVEIRA, 2002, p. 28).

O surgimento das escolas para as crianças iniciou-se com a Revolução Industrial na Europa. A princípio as instituições tinham como papel apenas cuidar dos filhos das operárias, já no Brasil a criação das escolas infantis ocorreu devido à inserção das mulheres no mercado de trabalho. Percebe-se, que a mesma, surgiu como instituições filantrópicas, com o intuito de atender as crianças de baixa renda e os novos seguimentos familiares que precisavam de tempo para trabalhar, para assim atenderem as necessidades básicas do lar.

Num contexto social com tais características, a instrução, a educação escolarização só podia ser conveniente e interessar a esta camada dirigente (pequena nobreza e seus descendentes) que, segundo o modelo de colonização adotado, deveria servir de articulação entre os interesses metropolitanos e as atividades coloniais. Mas se for retomando o item dos “Regimentos”, ver-se-á que a clientela citada explicitamente foi a indígena, através da catequese e instrução (RIBEIRO, 2007, p. 20).

Devido à inclusão das mães no mercado de trabalho, as crianças ficavam sem os cuidados básicos necessários para a sua sobrevivência, o que provocou aumentos nas taxas de mortalidade infantil, desnutrição e acidentes domésticos. Estes problemas passaram a chamar a atenção dos religiosos, empresários e educadores. A creche surge então como uma solução paliativa dentro de um contexto assistencialista e de cuidados, e as crianças passam a ser vista como um problema dentro da sociedade.

A ideia de abandono, pobreza, culpa, favor e caridade impregnam, assim, as formas precárias de atendimento à menores nesse período e por muito tempo vão permear determinadas concepções acerca do que é uma instituição que cuida da educação infantil, acentuando o lado negativo do atendimento fora da família (OLIVEIRA, 2002, p. 59).

A educação infantil, como parte desse processo, começou a ser incluso inicialmente apenas como abrigo para as crianças que não tinham onde ficar, enquanto os seus pais trabalhavam, todavia, esta ideia passou a ser mudada. E já no século XIX, a chamada educação compensadora foi considerada como solução para a privação cultural e esta ideia tem origem nas contribuições dos pensadores como: Pestalozzi, Froebel, Montessori, Millia, entre outros que promoveram tal pensamento.

O atendimento institucional à criança pequena, no Brasil e no mundo, apresenta ao longo de sua história concepções bastantes divergentes sobre a sua finalidade social. Grandes partes dessas instituições nasceram com o objetivo de atender exclusivamente as crianças de baixa renda. O uso de creches e de propagandas pré-escolares com estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados a sobrevivência das crianças foi, durante muitos anos, justificativa a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficiente e escassez de recursos materiais: Precariedade de instalações: Formação insuficiente de seus profissionais a alta proporção de crianças por adultos (BRASIL, 2001, p. 17).

Nota-se que com o passar dos tempos, se intensificou a discussão sobre a escolaridade obrigatória em vários países europeus nos séculos VXIII E XIX, enfatizando a importância da educação para o desenvolvimento social. Nesse momento, a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos: começou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados, situados em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos, o que tornava a escola um instrumento fundamental.

Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, por vezes filhos legítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas rodas de expostos existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII (OLIVEIRA, 2002, p. 91).

Autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel e Montessori, entre outros, estabeleceram as bases para um sistema de ensino mais centrado na criança. Muitos deles achavam-se compromissados com questões sociais relativas a crianças que vivenciavam situações sociais críticas (órfãos de guerra, pobreza) e cuidaram de elaborar propostas de atividades em instituições escolares que compensassem eventuais problemas de desenvolvimento.

Embora com ênfases diferentes entre si, as propostas de ensino desses autores reconheciam que as crianças tinham necessidades próprias e características diversas das dos adultos, como o interesse pela exploração de objetos e pelo jogo.

[...] a função da escola não é ser um substituto para a mãe ausente, mais suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança só a mãe desempenha, uma escola maternal ou jardim de infância, será possivelmente considerada, do modo mais correto, uma ampliação da família “para cima” em vez de uma extensão para baixo, da escola primária (ALVES; CALDEIRA, 2009, p. 214).

Atualmente segundo a LDB (9394/96), a Educação Infantil tem como principal função a formação do indivíduo, e no Brasil é oferecida em pré-escolas, centros e núcleos de educação Infantil. Na LDB, diz que a mesma pode ser oferecida, em instituições públicas e privadas, podendo ou não ter finalidade lucrativa, essa modalidade de ensino é de fundamental importância no processo da formação da criança em todos os aspectos, ou seja, cognitivo, emocional e social.

Toda criança tem a necessidade de atenção, carinho, afeto e educação, para assim crescerem conforme as fases de seu desenvolvimento, desta forma não se podem negar que a educação formal é de suma importância para estas aquisições.

Aos poucos, o poder político começou a assumir a responsabilidade por essas escolas que se consolidou com a constituição de 1988 [...]. Assim sendo as mesmas passaram ser reconhecidas como cidadãos e ganharam o direito e ser atendidas em suas necessidades específicas para se desenvolverem (TUNES, 2006, p. 06).

Desta forma, pode-se evidenciar que apenas no século XXI o governo atentou-se para a necessidade de investimento a essa nova modalidade de ensino, garantindo o atendimento a crianças a seis anos de idade que até então por ser uma modalidade não obrigatória o número de creches e pré-escolas era bastante reduzido em nosso país. A partir desse momento, as crianças foram reconhecidas como cidadãos, seus direitos básicos passaram a ser observados. Porém, o que se

percebe é que muito se tem a melhorar, pois a educação infantil é a base para uma educação de qualidade.

A ideia de jardim de infância, todavia, gerou muitos debates entre os políticos da época. Muitos a criticavam por identificá-la como as salas de asilo francesas, entendido como locais de mera guarda das crianças. Outros a defendiam por acreditarem que trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas. O cerne da polêmica era a argumentação de que, se os jardins de infância tinham objetivos de caridade e destinavam-se mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público (OLIVEIRA, 2002, p. 92).

Assim, à medida que a educação infantil foi se difundindo, foram surgindo outras perspectivas que visavam atender a outras necessidades que não fossem apenas aquelas das mães que desempregavam atividades laborais fora do lar e precisavam de um local para deixar seus filhos.

Contudo, mesmo após a constituição de 1988, que incluiu a creche na área de competência da educação infantil ao lado da pré-escola, substituindo a concepção de atendimento à criança a visão assistencialista por uma visão de desenvolvimento integral, ainda se encontram atualmente práticas educativas onde prevalece as necessidades de alimentação e higiene na faixa de 0 a 3 anos, a creche, e para as crianças de 4 a 5 anos, a prática voltada para a preparação para o ensino fundamental.

1.2 PRÁTICAS SEXISTAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

O espaço escolar conhecido como creches designado para as crianças pequenas, este também é um local de trabalho dos educadores, e para que ocorra a socialização principal da criança, ocorrem pelo menos duas possibilidades relacionadas à educação, a formação reprodução pura e simples da prática e os valores que existem na sociedade ou criam oportunidades para a vivência diária propiciando ao desenvolvimento do comportamento, até certo ponto para formar uma existência social mais justa. Nesta questão, Falares (2008, p. 182) apontou:

As instituições de educação infantil podem incluir a introdução consciente, como estratégia de socialização, o objetivo da igualdade de gênero e a eliminação das práticas discriminatórias de gênero. Se construir uma sociedade mais justa e democrática, tem que discutir a diversidade cultural, que é reconhecida e valorizada no cotidiano da prática educacional para

garantir que meninos e meninas, como seres humanos, possam passar por essa fase em sua plenitude por meio desse tipo de educação.

A partir do exposto a pesquisa educacional condene a existência de prática há uma discriminação de gênero no ambiente escolar e propostas de métodos para superá-la, que pode ser verificada a torrente de valores e preconceitos que os defendem no dia a dia permitindo que mantenham inabalável. Pode-se supor que isso aconteceu devido à sua trajetória histórica através da ajuda, que permite que a educação infantil seja vista como um espaço, as tarefas aí desempenhadas são muito próximas das que ocorrem em casa.

Diante dessa realidade esse recurso tem contribuído muito para o delineamento e desqualificação do campo considerado por priorizar o trabalho feminino e fortalecer a prática de dualizar papéis de gênero para mostrar o que é apropriado ou inapropriado para ambos os sexos. Portanto, por meio de atividades e tratamento diferenciado para os meninos e para as meninas, a educação infantil sempre foi apontada de discriminação de gênero, geralmente nem mesmo ciente de até que ponto essas ações irão prejudicar o desenvolvimento da identidade da criança (ROCHA, *et al.*, 2014).

Para Louro (2007), o desenvolvimento de gênero e identidade sexual vai durar uma vida inteira, identidade de gênero duplicada, papéis sociais e processos culturais que permeiam a construção de gênero das crianças, a identidade sexual se refere às preferências sexuais relacionadas à felicidade a criança vai buscá-lo. Portanto, gênero e identidade sexual estão mudando constantemente, mas na educação infantil, a exploração da heterossexualidade sufoca a todos, pode contradizer o tipo discutido e, finalmente, agir como depressão sutil, a fim de cuidar do corpo e se fortalecer a cada dia não violando a decisão da sociedade para cada gênero.

Ainda Louro (2013, p. 83) afirmou que, a construção dessas identidades se dá constantemente, um é relativo ao outro.

Quando se fala identidade de gênero, o sexo é construído em relacionamentos, queremos expressar alguns significados diferentes e é mais complicado do que a oposição entre os dois polos, pretende-se dizer que todas as formas de sexualidade e gênero são interdependentes, ou seja, eles influenciam uns aos outros.

A partir dessa compreensão, a convivência de crianças pequenas na educação infantil mostra que eles, entendam as escolhas que cada um pode fazer para estabelecer sua identidade. Para que esse tipo de autorreconhecimento aconteça, ela precisa de liberdade para escolher o papel referente ao seu sexo e identidade de gênero. No entanto, a prática de ensino visa manter a atenção a essas escolhas, e quando possível de acordo com certos padrões heterossexuais.

Nessa abordagem esses padrões permeiam a prática de ensino, geralmente pelo menos não intencionalmente, estão realizando a construção cultural e trabalho no espaço escolar. Por meio de recompensas e sanções, as crianças se comportarão conforme o esperado.

[...] o jeito que a professora fala com a menina elogia sua doçura ou quando justifica a atividade do caprichoso menino, peça a uma menina para ajudar e pode-se notar a limpeza e o menino carregando coisas, qual é a diferença de expectativas para as meninas e meninos. Muitas vezes, as meninas não se importam com isso, apreciando o menino e vice-versa (FINCO, 2008, p. 24).

No entanto, se essas práticas são baseadas na construção social e são no que diz respeito às normas relacionadas aos valores discriminatórios de gênero, também se pode tomar medidas para que aconteça o contrário. Entenda como essas escolhas limitam a imaginação e a liberdade das crianças para brincar e sugestões para questionar fatos, essas práticas sexistas podem ser prejudiciais, mas possibilitando a atitude do educador muda, e precisa estar ciente de suas necessidades.

Consciente da importância de mudar atitudes porque requer desconstrução de viés e mitos relacionados ao bom senso. A resposta para esta pergunta será capaz de promover a formação de professores, espaço de convivência democrática com base na educação, igualdade e discriminação não sexual. (FINCO, 2008, p. 27).

As instituições escolares são responsáveis pela fabricação dos assuntos, esses que significam ações disciplinares inteligentes e permanentes, fazendo o corpo e a mente agirem conforme o esperado, quando os sujeitos pertencentes a instituições escolares geralmente realizam a mesma ação sem saber o caminho e a descrição da seleção de gênero (LOURO, 2013).

Existem vários fatores relacionados a esses atos como discurso homofóbico permanente ao bom senso e à incerteza das possibilidades de escolha das crianças

por causa da homossexualidade. Dessa forma, as práticas sexistas desempenharam seu papel. “São práticas rotineiras e comuns, gestos e fala o desprezo pela necessidade torna-se alvo de atenção renovada, dúvida especialmente desconfiança. Na maioria é isso que é urgente não confie no que é dado como certo” (ROCHA, *et al.*, 2014, p. 38).

Diante dessa realidade, a desconfiança do que é considerado natural requer observação e repensar diante de restringir as escolhas, e isso torna a aprendizagem das crianças prejudicial perante a construção da sua identidade. No entanto, é necessário considerar que as crianças exercitam um poder contra as práticas sexistas. Segundo Finco (2008, p. 32), mesmo ser considerado desviante, quando a “criança encontrar espaço vá além para dar um novo significado ao relacionamento com outras crianças e se revezar para desempenhar papéis sociais no jogo, apenas procurando diversão”.

É importante salientar que ao trocar as crianças em um determinado tempo em um jogo ou brincadeira, fará com que ela se torne mais confiante em ambos os papéis se ele for direcionado pelo sexo, isso trata uma reflexão que não existe nenhuma diferença diante de um jogo ou brincadeira. Ainda conforme Finco (2008, p. 33), “O entusiasmo pelo comportamento ilegal se reflete na maneira como eles resistem padrões predefinidos, ao expressar seus desejos, recriando e inventando novas formas de brincar, novas formas de ser menino e menina”.

Nessa abordagem, quando uma brincadeira é para menina, mas foi colocado para um menino o mesmo tende recriar seu desenvolvimento de acordo com os padrões ensinados e pregada seja pela sociedade, família, meio em que vive e na própria instituição de ensino. De acordo com Falares (2008), vincular gênero à infância permite que veja as diversas maneiras de serem menino e menina que não estão disponíveis na categoria, nesse sentido, deve proporcionar a esses meninos e meninas a possibilidade de se tornarem eles mesmos e de percorrer um novo caminho de vivência e a infância está completa.

Diante desse questionamento é preciso considerar que a educação infantil é o primeiro espaço das crianças, elas recebem educação formal e têm a oportunidade de interagir com mais gente. Essa faixa etária também é muito importante para a construção de valor, desenvolvimento de crenças e comportamento, a educação infantil é excelente, um espaço que ajudará efetivamente as crianças a estabelecer sua própria identidade (ROCHA, *et al.*, 2014).

Diante dos pressupostos, a escola passa ser um importante integrante nessa fase inicial de crianças de ambos os sexos, uma vez que busca realizar um trabalho evolutivo que atenda nessas necessidades no quesito sexista e que faça disso um momento em que eles entendam que não existe padrões que menino só pode brincar de carrinhos ou que a cor azul representa a masculinidade e nem que o rosa é representativo somente para meninas.

O sexismo na sociedade brasileira é visto como uma espécie de formação histórica e cultural de uma sociedade baseada no patriarcado e na discriminação de gênero, por esse motivo, a maioria das pessoas entendem que essa abordagem é natural e este modelo social tem definições claras de funções e responsabilidades adequadas para homens e mulheres (FALARES, 2008).

Nesse viés, a sociedade é interceptadora somente do que é real e correto para ambos os sexos, homens devem fazer seu trabalho e sustentar sua família e as mulheres cuidarem da casa e dos filhos, ou quando ela desempenhar uma função em uma empresa somente fazer o trabalho mais leve, já que a mulher é vista com sua sexualidade frágil diante do trabalho executado pelos homens visto com mais força.

De um modo geral, a escola apenas institui e reafirma a forma de masculinidade e a feminilidade é tida como referência, o modelo pode ser tido como normal, com base no conceito de heterossexualidade. Professores não treinados inicialmente, não contínuos, consideram a educação para promover a igualdade de gênero, incluindo o desejo sexual a ser seguido, mas permanece vigilante contra esse padrão.

Diante desse questionamento, este conceito de masculinidade é combinado com a ideia de sexualidade masculina, quanto aos cargos e funções de homens e mulheres, eles também são responsáveis por sempre continuarem nessa percepção diante do conceito masculino, do poder e do que é para ser seguido de acordo com as regras da sociedade. Portanto, a visão de um mundo centrada no homem e reiterar sobre mulher e homem na sociedade, seguindo a linha citada acima, incentiva a desigualdade de gênero.

Para Philip e Guizzo (2004, p. 21), nessa perspectiva, o professor falha em fornecer incentivo à integração entre crianças de ambos os sexos e isto acaba por fortalecer separação, pois “além de gerar motivação para o trabalho, propõem atividades diferenciadas para meninos e meninas, com base na disputa entre os dois

grupos”. Conforme os autores, quando o comportamento se desvia da situação real considerado normal e tradicional, impopular e considerado uma violação de padrões estabelecidos pela escola, iniciado sobre a separação de crianças pelo sexo, comportamento ou outros.

Quando o comportamento é considerado normal e natural, tende a entender o sexo como inerente à natureza humana, ignorando seu aspecto de relacionamento. Falares (2008, p. 11) revelou sexo, “[...], é feito de significados compartilhados no cotidiano, interação com os outros, e através desta as crianças aprendem como agir de acordo com o comportamento dos outros, os valores e normas culturais do seu ambiente”. Nesse entendimento, ainda há pouca discussão sobre sexo na educação visões ingênuas, e de bom senso prevalecem, elas se naturalizam e se tornam, no entanto, quase invisível, mas teve consequências políticas importantes, exercendo um papel importante para as crianças em seu processo de socialização tanto escolar como na sociedade em geral.

Conclui-se que a escola possui um importante trabalho diante desse desenvolvimento sobre o reconhecimento que esteja ligado no comportamento de meninos e meninas, de que forma é a melhor maneira trabalhar para o bom entendimento e cada um diante dessa realidade que é carregada desde o início dos tempos.

1.3 RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

As escolas buscavam meios que fosse avançando e alcançando o objetivo quanto à pedagogia de gênero, uma vez que ia sendo aos poucos introduzidas em sala de aula, mas faltava material necessário para aplicação nas aulas, e, no entanto, através de projetos foram fornecendo materiais que viessem agregar mais conhecimento aos profissionais. Segundo Finco (2008), o consenso entre os vários pontos de vista adotados no campo dos estudos de gênero há uma ruptura com explicações especializadas, e naturalizar homens e mulheres, é verdade que todos têm dimensões e expressões biológicas, a história e os processos sociais não podem ser eliminados da sociedade. Todas as pessoas têm relações sociais em seus corpos, classe, gênero e etnia.

Dentro desse contexto nota-se que o autor destaca que cada indivíduo possui sua cultura de acordo com a família que nasceu que já vem dos antepassados e isso

envolve muitas questões como classe, raça, cor e outros, mas que tudo seja levado ao único modo de preservar a vida social de cada um e entre ambos sem que alguém venha ser ofendido. Para Londes (2017) isto é uma missão das escolas e das famílias: educação para além dos modelos masculinos e femininos de hegemonia, ou seja, superar a visão binária que permite a identificação de uma lógica simples de opostos, sob a influência da socialização.

A partir dessa realidade destaca-se a importância da Pedagogia de Gênero serem aplicadas desde a educação infantil, uma vez que conforme o aluno muda de série terá mais conhecimento sobre esses assuntos ligado ao seu pessoal e ao grupo em que faz parte, entendendo sobre sua vida suas raízes e assim respeitando o próximo e suas escolhas.

Segundo Alves e Caldeira (2009), o debate de gênero na educação básica é urgente, mas controverso. Embora haja uma existência específica de relações de gênero durante o processo de ensino, por meio de sua manifestação em todas as disciplinas relevantes professores, alunos, familiares, técnicos, servidor de apoio, nas atividades diárias de ensino, educação diferenciada ainda pode fixar mulheres e homens, e onde binário é o oposto. Dessa maneira para que ocorra um sucesso diante das questões de gênero é necessário que seja realizado uma força tarefa que envolva a família, escola, comunidade e aqueles que lutam por essa questão que ainda é vista como afronta quando se fala do tratamento igual para ambos os sexos.

Relações de poder na educação infantil levando em conta a instabilidade do processo educacional, quando meninos e meninas transcendem os limites do passado imposto. Na verdade, eles consideram o direito à educação na Infância que envolve questões de gênero, examinando meninos brincando de boneca e garota de tênis de dinossauro, corrigindo o desconforto da criança com outros sinais, a heterogeneidade permite o estabelecimento da reflexão e da ação (ANJOS; ROCHA; NUNES, 2013). Nessa perspectiva, os autores destacam sobre a indiferença existente entre as crianças quando é vista com uma roupa que eles pregam como não certa para aquele indivíduo, e é necessário que nesse momento o professor venha intervir mostrando que isso somente é um detalhe que não influencia no pessoal.

Falares (2008, p. 22) argumenta que “é através desses maus exemplos de reforço social de uma única associação e é considerado natural entre gênero”, e relata sobre a masculinidade oculta e a feminilidade alternativa, que leva em

consideração o espaço de cada um e principalmente sobre o que as crianças conhecem desde que nascem e de acordo com que os pais levam como certo. Sendo assim, o machismo existente em casa é um aliado para que as crianças carreguem algumas opiniões e isso pode ser o aliado para que tenha atitudes grosseiras e que possam magoar uma outra criança, por isso é necessário que a escola esteja sempre contatando os pais a estarem participando dos projetos e ações na escola.

Centros educacionais, espaços escolares e universitários, especialmente sala de aula, encontros entre temas que devem ser intensificados no curso ensinar e aprender que energiza a prática de conversação. A pedagogia deve se libertar da estrutura de dominação de classe, gênero e raça identificando em termos a diferença entre a educação como prática livre e a educação apenas como eficaz fortalecer a regra (LOURO, 2007).

A partir dessa realidade percebe-se que a escola é responsabilizada por ir mais a fundo sobre os assuntos de gênero e sexualidade, pois os profissionais estão preparados para questionamentos e até muitas vezes porque em sua família não sentem confortáveis para conversar assuntos, e a escola vista em dois momentos como a prática livre ou o fortalecimento das ideias.

Nesse questionamento destaca-se sobre a importância de se conhecer seu direito e através deles lutar para que sejam alcançados, no caso de um descaso contra a mulher o homem aprendeu que a mulher se torna um objeto para suas vontades, na escola desde a educação infantil é demonstrado sobre o respeito e a prevenção de tais atos que possam ferir a integridade feminina.

A diferença de educação entre meninos e meninas precisa ser resolvida com urgência pela escola e família como forma de contribuir para a afirmação da cidadania feminina, que equivale também à cidadania masculina. Porque deve tornar visível a especificidade do oprimido por gênero, classe e raça. Mas apenas sobre lutas envolvendo classe, raça e gênero, pela sociedade socialista de um ponto de vista dialético, no bem geral (FINCO, 2008).

É necessário que haja uma intervenção de acordo com a pedagogia de gênero e todo o trabalho que precisa ser realizado em sala de aula, em projetos e eventos que venham contribuir para o conhecimento e entendimentos dos discentes, bem como a comunidade e a família, que são os que também precisam está nesse contexto e juntos com a instituição sempre parceira nesses temas (RIBEIRO, 2007).

A partir dessa realidade é necessário que a escola contate aos pais quanto aos projetos e ações que serão desenvolvidos, e esse momento com os docentes, discentes e pais é importante porque até eles terão mais acesso a informações e como se torna um contribuidor quando a qualidade de gênero e a sexualidade que precisam ser mais discutidas.

Para Silva (2016) a escola é o principal aliado para que esses assuntos sejam discutidos, então o profissional que atua como professor deve aplicar através da pedagogia de gênero conteúdos, palestras, debates e outras que venha ganhar destaque como um tema relevante e propício a todos os cidadãos. Na educação infantil era tema será tratado de forma mais simples e diferentes, pois as crianças não possuem um atendimento para discernir sobre algumas questões.

Dessa maneira, na educação infantil os alunos aprenderão a respeitar o espaço do outro, a entender que meninas brincam de carrinho e meninos podem brincar de bambolê, e que isso não influencia e nem determina o seu sexo, nesses casos a criança vai ter um conhecimento novo e destacar em casa sobre essas diferenças.

2 QUESTÕES DE GÊNERO E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS E A RELAÇÃO DE GÊNERO

Quanto à interpretação da identidade de gênero, ela pode ser definida como um conjunto de existências com a mesma origem ou características comuns da mesma espécie, família, raça ou diferenças sociais, que variam de cultura para cultura e afetam status. O papel social e a identidade de gênero de todos em sua comunidade inclui a forma como os indivíduos se identificam com seu gênero até certo ponto, acredita-se que o significado geralmente é uma manifestação da cultura dominante.

Vale destacar que as relações de gênero organizadas em nossa sociedade são máquinas que produzem desigualdades. A visão naturalística de mulheres, meninas, homens e meninos é um obstáculo para a superação dessa situação (AUAD, 2017, p. 49).

No entanto, essas diferenças não são naturais, mas sim social e historicamente construídas, a partir de padrões normativos do que significa ser homem e do que significa ser mulher. Como o próprio autor relatou outro fato que podemos levantar contra a palavra gênero em vários casos é falar em desigualdade social. A identidade é uma característica básica da experiência humana, permitindo-nos tratar nossa constituição como um sujeito da sociedade.

Nesse aspecto, gênero refere-se à identidade que uma pessoa reconhece, ou seja, para se tornar homem ou mulher, deve-se passar por um processo denominado socialização de gênero, a partir das expectativas sociais e culturais de cada gênero, forma a sociedade para o masculino ou feminino são pré-determinados desde o nascimento as normas que devem cumprir, e quais os comportamentos são aceitáveis de acordo com cada gênero.

Os corpos masculino e feminino possuem uma estrutura cultural específica e buscam fortalecer o aprendizado de mulheres e homens típicos por meio do controle do processo social dos desejos espontâneos das crianças. A introdução das crianças neste processo introspectivo e significativo de cultura de gênero desencadeia uma reflexão sobre o processo de socialização de gênero na infância (FURLAN; MULLER, 2015).

Como disse Auad (2017), esse processo se reflete nos tipos de jogos e brinquedos que são permitidos e fornecidos para que as crianças aprendam a se comportar como meninos e meninas de verdade. Em relação aos jogos como meio de reinterpretação jurídica na sociedade, onde os jogos são entendidos como a linguagem utilizada pela criança para se expressar e se comunicar na infância, o que é muito importante para o seu desenvolvimento, e o comportamento da brincadeira envolve refazer. A experiência constante e mutante torna-se um hábito, quando brincam, as crianças costumam ser o que a sociedade espera delas, seja mulher ou homem (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Porém, como imagem e símbolo na formação da cultura de gênero, a classificação dos brinquedos é uma estrutura criada pelos adultos. Como adultos, meninos e meninas cujos professores apresentam comportamentos considerados inadequados para seu gênero em jogos e outras atividades em creches enfrentam preocupação ou alienação. A escola se consolidou como um dos principais ambientes de formação de meninos e meninas, com regras, espaço e tempo específicos para determinar o que deveria ou não ser feito (FURLAN; MULLER, 2015).

Como as relações de gênero estão entrelaçadas com as relações estabelecidas na sociedade por disciplinas, as escolas se destacam por apresentarem comportamentos adequados ou esperados para meninos e meninas, que às vezes são aprimorados sem saber por meio de gestos sutis e da prática cotidiana na educação infantil com a utilização de brinquedos e brincadeiras (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Nessa perspectiva, a exploração e manipulação de brinquedos e brincadeiras permitem que as crianças estimulem reações a fim de serem expostas a diferentes brinquedos e jogos em um ambiente de relacionamento e comunicação, onde situações e problemas do cotidiano são comparados e brinquedos são utilizados como suporte para jogos, sejam eles concretos ou ideológicos conceituais ou simples de usar.

Um conceito no qual as crianças podem produzir de forma interessante e clara por meio de qualquer material.

[...] vimos que as meninas adquiriram o reflexo condicionado para confortar a boneca, quando recebem uma boneca nas mãos, vão segurá-la na frente do peito e cuidar dela, mas os adultos esqueceram que esse

comportamento é apenas devido ao seu. Seguindo as instruções, eles exclamaram que era um milagre "biológico" tão pequeno, mas extinto com a maternidade. Isso os enche de alegria, pois esse fenômeno é considerado um sintoma de alívio de um fenômeno normal. Posteriormente, devemos insistir para que as meninas continuem a brincar de boneca, pois esse jogo é considerado um verdadeiro aprendizado para o papel de futuras mães, e os meninos que manifestarem essa preferência serão desencorajados e incentivados a se ocuparem com outros tipos de jogos impostos a meninos e meninas. A partir dos 5 anos, o gosto "particular" dos brinquedos passa a significar que meninos ou meninas não aceitam seus papéis, então algumas coisas não funcionam (SILVA; GOMES, 2016, p. 51).

Nesse contexto, o ambiente em que vivem é fundamental, pois as próprias crianças passam a ter esse estereótipo do sexo oposto, por outro lado, para cultivar uma geração mais confiante e consciente, é preciso fortalecer a igualdade de gênero para que se tornem cidadãos e não sejam afetados por suas próprias escolhas.

Atualmente, esse assunto raramente é discutido na educação infantil, meninos e meninas são divididos em jogos e brinquedos, o próprio professor mesmo que não intencional, vai promover a seletividade dos alunos. Por exemplo, você é uma menina e não pode jogar isso ou aquilo, o mesmo se aplica aos meninos, essa atitude não parece ser normal culturalmente, e parece estranha, como se brincar fosse algo que exigisse atenção especial.

Há pouca pesquisa e compreensão das questões de gênero, e são muito confusos, como se fosse mudar o gênero da criança, os professores precisam revisar as questões de gênero relacionadas a jogos, brinquedos e jogos, para não confundir essa prática social com homossexualidade. No mundo de hoje, esses jogos são mistos, causando inibição de comportamento e intolerância. Essa forma diversificada de brincar muitas vezes se deve ao medo de que esses brinquedos ou brincadeiras afetem a vida sexual da criança, e essa forma de brincar remete à construção social.

Portanto, as crianças nesta fase têm grande influência no seu desenvolvimento e mostram sua adaptabilidade, esta é uma forma espontânea de aprendizagem, envolvendo a alegria da experimentação e descoberta.

A diferença entre imitação e identificação é justamente que a imitação pode ser a repetição de uma criança que vê outra pessoa andando de triciclo e tentando andar, com uma ressonância emocional fraca. No processo de identificação, a criança age de acordo com os padrões dos outros tudo depende de como a outra parte está (TORRES; QUEIROZ, 2015, p. 56).

Desse modo, as crianças observam ativamente tudo o que está acontecendo ao seu redor e com base na imitação começam a interagir por meio da identificação, estabelecem novas relações sociais e expandem seus horizontes. Nesta fase, o brincar é a base para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Nos jogos, as crianças desenvolvem várias funções socializar por meio da interação, experimentação e divisão de gênero entre os jogos são muito prejudiciais porque limita o mundo das brincadeiras das crianças.

Jogos "reais" são muito melhores mesmo os brinquedos masculinos e femininos mais tradicionais permitem que as crianças explorem, manipulem, movam, sintam, falem e negociem até certo ponto a questão é quão longe os jogos de meninos e meninas tendem a exercer algumas habilidades mentais mais do que outras, se cada gênero apenas jogar em suas áreas apropriadas, as crianças acabarão por fortalecer as mesmas áreas do cérebro, que tendem a ser desde o nascimento (ANJOS *et al.*, 2013, p. 15).

Nesse contexto, com o resultado, as crianças descobrem gradualmente que brincar na aprendizagem pode abrir muitas possibilidades sem impô-las aos outros, a curiosidade por coisas novas, quanto mais às crianças livres para explorar e descobrir, mais ricas serão suas experiências e aprendizado.

Eles jogam os momentos da brincadeira, independentemente do gênero, o que importa mesmo é ser criança. Segundo Kishimoto (2000, p. 88), os “brinquedos parecem ser uma cultura que se coloca ao alcance das crianças é seu companheiro de brincadeira”. A manipulação de brinquedos orienta as crianças a agir, representar e imaginar é preciso desconstruir esse estereótipo e tratar a criança como um todo, cuja subjetividade se vale da liberdade de escolha dos brinquedos com que brinca, as crianças não nascem para saber brincar, elas precisam aprender interagindo com outras crianças e adultos.

De acordo com Silva e Gomes (2016), na creche as crianças têm liberdade para escolher brinquedos, objetos e atividades até os três anos de idade, e meninas e meninos brincam com carros, aviões e navios. Nesse viés, as crianças com essa idade ainda estão aprendendo sobre a separação que existe entre os brinquedos masculinos e femininos, então elas brincam com ambos e ali inicia seu discernimento do que é um avião, que um carro azul é para meninos, isso vai ocorrendo de forma lenta através do convívio com outras crianças e principalmente pelo papel dos adultos nesse caminhar que é um seguimento da cultura.

Para Rocha (2013), as crianças só tendem a ter conhecimento e compreensão do que é menino e menina diante da vivência familiar, quando vão seguindo os ensinamentos passados de seus familiares do que o masculino pode fazer e o feminino dessas restrições, ainda cita que:

[...] vale a pena conscientizar a criança de seus preconceitos de vez em quando, no entanto, fatores inatos claramente fazem com que meninos e meninas prefiram diferentes tipos de brinquedos, [...] principalmente sua própria nova compreensão de meninos e meninas (ROCHA, 2013, p. 42).

Na maioria das vezes, meninos e meninas jogam jogos diferentes, o limite entre brinquedos e jogos é fixo, eles se sentem mais confortáveis brincando com brinquedos do que dizendo isso é para meninos. Para os meninos, a vergonha é maior quando brincam coisas que não estão de acordo com seus hábitos e vivências, pois vão brincar com os colegas, por exemplo: Você é uma menininha brincando com brinquedos de menina, percebe-se que eles logo param de jogar para não ser motivo de chacota.

Também deve ser destacado que a igualdade de gênero não é importante na educação infantil, e seu papel é ensinar conteúdos em vez de igualdade de gênero, como cita Londes (2017, p. 30),

Além do gênero do sujeito, as representações de homens e mulheres também são utilizadas para organizar a prática escolar. No entanto, eles permaneceram em silêncio durante o discurso. Logo, não se leva em consideração como o uso desses elementos nas organizações de trabalho escolar pode promover a desigualdade.

A partir do exposto é necessário verificar como crianças do jardim de infância expressam as relações de gênero por meio de jogos e escolhas de brinquedos, com isso perceber que esses fatos ocorrem, porém, não são os desejos das próprias crianças, mas sim a influência dos adultos e de seu ambiente de convivência.

Para Rocha (2013), as crianças estabelecem suas diferenças entre a divisão meninos e meninas no jogo, apesar disso é importante fazer algumas perguntas sobre esta afirmação, referindo-se a indivíduos de diferentes gêneros como se um determinado gênero biológico está relacionado com a criança que afirma ser menino ou menina.

Londes (2017) descreve ainda que o conceito de que brinquedos e jogos são elementos patrimoniais da cultura infantil, e brincar é o caminho que as crianças se

apropriam indevidamente de seus valores, crenças e comportamentos observados, ou com experiência. Ainda nessa explicação a mesma atividade gostar ou não depende das diferenças culturais, linguísticas e sociais.

O pensamento acima corrobora o esclarecimento da explicação sobre infância, gênero e a relevância das observações para as brincadeiras e brinquedos infantis, e assim em reduzir a desigualdade de gênero na infância podendo fazer com que as pessoas demonstrem relações mais iguais.

O jogo tem um sistema de regras, e pode atribuir diferentes funções ao mesmo objeto, por exemplo, jogando canastra ou movimento-movimento usamos baralhos, mas as regras que determinam o jogo são diferentes é que as regras do jogo distinguem os objetos. Já os brinquedos são itens que têm uma relação direta com as crianças e não existem regras pré-estabelecido para estimular a representação e expressão social, a realidade vivida por quem joga (SILVA; GOMES, 2016).

Conclui-se que o jogo também é de intenções das crianças que querem brincar em um ambiente mais íntimo e intimista emocionalmente, o significado do jogo pode nem mesmo depender de um objeto, mas sim do momento que determina sua atenção e o ganhar que é a primeira intenção do indivíduo, já com os brinquedos as crianças demonstram diferença na sua utilização.

2.2 A QUESTÃO DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A contemporaneidade é caracterizada por períodos de transição e mudanças em diferentes áreas do conhecimento, resultando em novas identidades, fatos que criaram um cenário favorável para a mudança social de diferentes categorias e organizações sociais, incluindo grupos históricos com isolamento social (RIBEIRO, 2007). Assim, com a evolução do mundo novas transições vêm ocorrer, evoluindo sobre os pensamentos e temas que antes era visto como inaceitável, nesse espaço aparece às lutas pelas diferenças destacando a qualidade de gênero, a busca pelo respeito e desejos que cada um tenha de viver como desejar.

A formação da sociedade brasileira, até então marcada pela ideologia, a heterossexualidade alterada pela insatisfação das mulheres que se manifestaram contra as demandas sexistas e homofóbicas através do movimento feminista, aos

poucos conquistando o espaço social, enquanto nova identidade, incluindo a identidade de gênero (SILVA; GOMES, 2016).

Nessa perspectiva, tudo tem seu início sobre o espaço que as mulheres desejavam alcançar e assim foram sendo valorizadas e ganhando forças de forma a influenciar outras classes em busca de seus anseios e objetivos, diante da sociedade que opõe para que seja liberto esse espaço e assim o preconceito.

As complexidades das necessidades e funções associadas à formação de professores no contexto atual, configuram-se como uma das questões mais sensíveis para os educadores. Dentre as necessidades, pode-se listar aquelas performances que focam em temas de gênero, diversidades física e sexual e no dia a dia da escola, as dificuldades do professor podem ser verificadas quando o mesmo precisa dialogar com os alunos ou com as questões levantadas. Apenas para mediar conflitos que surgem por vários motivos, incluindo relacionados ao sexo (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Sendo assim através da sua formação o professor estará preparado para suas aulas, e através delas ser mediador quanto às dúvidas existentes no público em sala de aula, levando aos temas mais complexos a serem debatidos e assim haver uma conversa saudável entre professor e aluno, e conforme o professor é questionado também buscará novos conhecimentos para auxiliar seus alunos.

A formação de professores tem passado por várias discussões. Bujes (2002) argumenta que nessas discussões sobre a política de formação de professores vários estudiosos discutem seus pressupostos e propósitos. Entre esses, a pedagogia tentar estabelecer sua identidade, as trajetórias e mudanças que ocorrem no currículo acadêmico, são apoio para transformar e incluir novas formas de educação ao corpo docente e recursos para o planejamento de aulas sobre a pedagogia de gênero.

A partir dessa realidade conforme novos estudos vão aparecendo, novos conceitos e metodologias que possam intensificar as melhorias voltadas aos temas que precisam de grande força e isso leva a pedagogia há está cada dia mais atualizada e buscando mudanças para que seja transformativo nessa inclusão no planejamento escolar.

Estejam cientes da necessidade de buscar a apreciação dos professores da escola, ideias da transformação política e social da sociedade brasileira, esses educadores e acadêmicos de todo o país discutiu um ângulo da pedagogia,

profissionais e estudiosos pretendem propor uma sugestão nacional de reforma estrutural do currículo de pedagogia, que o assunto imposto quanto à qualidade de gênero e a sexualidade (ROCHA, 2013).

Dentro desse contexto a importância e valorização dos profissionais quanto ao seu trabalho, uma vez que tanto se cobra que esteja preparado para guiar e ser responsável pelo indivíduo, quando se destaca a esses temas que são em alguns momentos complexos e delicados, principalmente quando ocorre algo constrangedor que é necessária intervenção dos docentes.

O Guia Curricular para Formação Profissional na Área da Educação enfatiza a importância do treinamento para que os futuros profissionais possam investigar questões socioculturais com uma atitude integradora e propositiva diante da realidade complexa. Os educadores devem demonstrar consciência da diversidade, respeito às diferenças ecológicas ambientais, raça étnica, gênero, classe social, religião, necessidades especiais, seleção sexual etc. (BUJES, 2002).

Diante desse questionamento fala-se sobre a relevância dos profissionais pedagogos estarem sempre atualizados através de cursos e aperfeiçoamentos que tendem a melhorar seu conhecimento sobre assuntos, que devem ter destaque e bastante ênfase ao serem aplicados, pois serão questionados e indagados durante a execução de aulas, perguntas e dúvidas vindas dos discentes.

O currículo pedagógico vem passando pelo processo de construção de sua identidade e houve mudanças significativas, tanto no ensino como na formação, seja do ponto de vista das próprias diretrizes apontando para uma atuação mais ampla profissionalmente, isso não se reduz ao ensino em sala de aula, mas em todos os espaços de desempenho do ensino (ALVES; CALDEIRA, 2009).

Silva (2016) apresenta essa estrutura pedagógica como um currículo feminino e nos faz pensar sobre a importância e a necessidade de discutir questões de gênero nos currículos de formação de professores somente voltado as mulheres. Dentro desse contexto busca a entender como a mulher é sensível e cautelosa, pelo seu sexo, por ser mãe é vista como uma profissional que ganha destaque, sendo que os momentos ela pode acalantar a criança usando de seus meios maternos e que ela possa estar mais preparada para tratar dos assuntos de gêneros pela sua calma e transparência em falar e explicar o assunto estudado.

Ao abordar mais as questões das mulheres acontecem novas teorias psicológicas e pedagógicas, começam a ver o amor como parte da vida um

ambiente conveniente para aprender. O discurso será dirigido especificamente a esta professora, religião, expectativas dos pais da família, objeto de poesia, canção, monumento, fábula e exortação, assim se constituirá, ganhará contornos que permitem a identificação imediata (FINCO, 2008).

Dessa maneira a mulher é vista como uma figura responsável pelo amor, com isso a ideia que ela ao aplicar as aulas tem mais sensibilidade em ler uma poesia, os livros utilizados em sala de aula e com isso as crianças em seu imaginário estão sempre levando o olhar diferente para essa pessoa como um deslumbre pelos seus encantos.

Portanto, um entendimento importante é que identidade, entendida aqui como inacabada, não é fixa, mas uma construção, um processo de produção se dá em sistemas representacionais relacionados a relações de poder, a identidade torna-se uma celebração móvel formação e transformação constantemente relacionada com a forma como somos representados ou abordados sistemas culturais ao nosso redor (SILVA, 2016).

Dentro desse contexto leva em consideração sobre o que a criança conhece no seio familiar quanto a sua cultura, e conforme ela vai crescendo vai conhecendo outras situações, convivências e isso não muda essa parte cultural, mas serve como transformador para novos espaços de comunicação e convivência com outras pessoas do seu gênero ou diferente.

Louro (1999) também esclareceu que as identidades não são as mesmas, elas. A construção ocorre como um processo indeterminado, porque a identidade não pode ser dita em um ponto final ou acontece em um momento permanente, mas é estabelecido em etapas, por exemplo, adolescência ou maturidade. Portanto, na formulação da constituição sempre haverá identidade, mudança e transformação.

Por isso, é necessário conhecer e compreender a sua importância o processo histórico de composição das relações de gênero, levando em conta o contexto sócio-cultural e sócio-político, em que cada tema se apresenta por causa da identidade de todos estão profundamente envolvidos nesses processos. Então a escola, as salas de aula das universidades, os cursos de educação são palco de construção e reconstrução, mesmo duplicando identidades masculinas e femininas no entrelaçamento relacionamento social (ALVES; CALDEIRA, 2009).

Diante desse questionamento é necessário entender sobre o processo e como ele é importante quando se fala de gênero, pois quando criança você entende

uma situação de uma forma, e conforme for entendendo e conhecendo outras pessoas e evoluindo conseguirá discernir todo esse processo e como ele se modifica de forma positiva, sem que desrespeite seu próximo.

Em uma sala de aula de um Curso de Pedagogia, observa-se que as alunas estavam fazendo como estudantes, mães, donas de casa, esposas, elas trabalham fora e ainda, precisam levar seus filhos para a sala de aula porque não há mais ninguém para ficar. O que chama a atenção é a acolhida que essas mães e crianças recebem de seus colegas, os professores também acolhem as situações e a sala de aula cheia de energia. Os demais alunos entendem as buscas dessas mulheres que estão lutando e quer compartilhar solidariedade de alguma forma sua experiência. As classes são compostas por essas características de cuidado, responsabilidades para com os filhos e filhas, desejo de aprender, desejo de trabalhar não doméstico (LONDES, 2017).

Segundo Oliveira (2002) ao se formarem a mulher pedagoga estará com o cuidado com seus alunos, realizando trabalhos que venham apresentar paciência e cautela pela sua experiência materna para as meninas, e quanto aos meninos pela gentileza e delicadeza em tratar uma mulher respeitando e conseqüentemente isso influenciará positivamente na vida de ambos na caminhada.

Nessa perspectiva, não quer dizer que um profissional do sexo masculino graduado em pedagogia não tenha os mesmos cuidados, mas a facilidade que a mulher possui sobre sua atuação é diferente, pois consegue conversar com a turma, tornando esse momento diferente com todo o cuidado que devem ter entre si.

2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR

Para que o processo de alfabetização na educação infantil voltado a qualidade de gênero seja iniciado, é necessária uma linguagem verbal adequada que, futuramente, possibilite condições à comunicação e à fixação de conceitos. O enriquecimento do vocabulário é indispensável a uma forma de expressão mais eficiente. Neste sentido, percebe-se que é um procedimento de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela influência mútua permanente entre educando e objeto de conhecimento.

A qualidade de gênero na educação infantil deve ser vista como um meio que compõe e afirma os momentos históricos e existenciais da experiência vivida que produzem uma cultura subalterna ou vivida. Daí, ser ela um fenômeno eminentemente político e deve ser analisada dentro de um contexto de uma teoria de relações de poder e de uma compreensão da reprodução e da produção social e cultural (FALARES, 2008, p. 28).

O processo de ensino e aprendizagem através da qualidade de gênero e sexualidade deve ser preparado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas numa linguagem real, natural, expressiva e vivenciadas. Pode-se dizer que as crianças nas classes formulam suposições, essas suposições vão avançando nas intervenções do ambiente e a criança percorre um longo caminho que vai da identificação do texto de imagem.

Assim, o professor tem um importante trabalho de propiciar aos seus alunos a variedade de texto que todos têm direito. Pois através da literatura, as crianças imaginam, conhecem, crescem, formam senso crítico possibilita a formação sobre as questões de gênero.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar o respeito, e assim realizar debates seminários, diálogos, com autoridades, dramatizações etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido do fato, da qualidade de gênero e a sexualidade (FALARES, 2008).

Conforme a citação a escola como instituição formadora tem um importante papel, pois todo trabalho deve partir de ações democráticas e participativas, onde todos podem contribuir e traçar metodologias, as quais possibilitem a mediação da prática do respeito, através do conhecimento do gênero de cada um.

Para Ribeiro (2007), é claro que a ênfase em uma atividade social, em um trabalho coletivo e conjunto não excluem nem a prática nem a teoria, o trabalho individual e seu contínuo acompanhamento, diante desses assuntos que muitas vezes se torna complexo em sala de aula.

Nesta perspectiva, percebe-se que é fundamental a experiência e a criatividade do professor em sala de aula ao organizar sua metodologia de ensino, quando e como ensinar, de acordo com a clientela, e ao associar tudo isso com a prática, o professor terá seu próprio método.

Antes de entrar para a escola a criança já está em contato com um importante meio que a cerca, com mil formas, cultura da família, tratamento de acordo com o sexo. Contudo, para que esse ambiente se torne efetivamente um

instrumento alfabetizador, ela precisa estar preparada para percebê-lo, e seu senso de observação e sua curiosidade serem despertados. (PHILIP; GUIZZO, 2004).

Nessa concepção, a responsabilidade da escola é garantir a todos os alunos o acesso aos saberes necessário para o exercício da cidadania. Para que ele possa se tornar capaz de interpretar diferentes assuntos que circulam socialmente, de assumir como cidadão, nas suas relações com outras pessoas de ambos os sexos e mais variadas situações. O autor nos mostra que na educação infantil seria muito mais que apenas ensinar a ler e escrever, a qual envolveria outros assuntos do mundo, a compreensão de tudo que nos cerca.

Nesse sentido a criança deve ser capaz de distinguir o mundo ao seu redor, mostrando suas ideias a respeito do que aprende no processo espontâneo de conceituação ao invés de ficarem presas situações que lhe constroem (SILVA; GOMES, 2016). Entende-se, portanto que se a criança possui em casa outros recursos, não é tão grave que a escola utilize outros meios que tenha um entendimento fácil diante da qualidade de gênero, mas se a escola é o único ambiente alfabetizador do aluno, isto é gravíssimo, por não ampliar seu conhecimento e, conseqüentemente prejudicar sua evolução. O professor deve proporcionar como tarefa para casa, assim a criança, com certeza, se sentirá motivada e terá desejo de aprender cada vez mais, se esforçará para construir seu próprio conhecimento, procurará evoluir nos seus estudos, aprenderá caminhar por si mesmo e discutir com a família sobre essas questões abordadas.

Um método utilizado que leve em conta a metodologia de aprendizagem, deve deixar um espaço para que a criança apresente suas ideias a respeito do que aprende. Assim sendo, o educador fará um trabalho visando o ensino e a aprendizagem de maneira tranquila e adequada. Desse modo, o professor tem a importante tarefa de propiciar aos seus alunos a diversidade de informações e muitas vezes o que é abordado e interpretado errado pelos pais torna-se um desafio para o profissional (LONDES, 2017).

É certo que o professor precisa expor à criança sobre a relevância sobre a qualidade de gênero e a sexualidade têm para nós perante a sociedade, precisa motivar seu aluno trazendo atividades diferenciadas que façam com que ele se interesse pelo assunto, e possa estar, pois é através da construção do saber da criança, que o educador conseguirá fazer com que ela internalize o conhecimento e

consiga organizar o seu raciocínio a fim de perceber que tudo que falamos ou pensamos podemos escrever.

Segundo Bujes (2002), o professor encontra desafios com a falta de material necessária para que venham elaborar suas aulas, através de brinquedos, maquetes e outra que contribua para o entendimento dos alunos voltado à questão de gênero. Sendo assim, o professor precisa realizar adaptações como construir brinquedos, buscar parcerias para comprar brinquedos e objetos necessários para as aulas e assim demonstrar aos seus alunos sobre a temática de gênero que venha contribuir para o bom entendimento de seus discentes.

De acordo Oliveira (2002), as dificuldades relacionadas à qualidade de gênero podem ser explicadas pelas limitações dos sujeitos em processar ou utilizar adequadamente as informações que recebem do meio, mostrando-se como incapazes de compreender e depois defender a ideia quando estiver um momento que precisa de respaldo.

No entanto, as dificuldades não existem por acaso e sim, por questões multifatoriais contextualizadas à realidade de cada criança, que não corresponde o nível de entendimento criado pela expectativa do professor. Pois, durante a aula, podem-se questionar pelo que aprende em casa, causas ou implicações no processo pedagógico de algumas crianças que, por diversos motivos não acompanham o que lhes é ensinado.

Ressalta que no decorrer dos anos as crianças apresentam de forma muito significativa dificuldades importantes no que se refere ao processo de ensino aprendizado, a temas que fazem parte da sua cultura. O interagir desse aluno está diretamente relacionado com seu meio no processo de entendimento quanto a esses assuntos que se torna complexo. No aspecto social essa criança é estimulada a criar habilidades que facilitem sua comunicação, e com isso, uma melhor relação com o meio em que está inserida. Contudo, podemos perceber que o processo é sem dúvida um longo caminho de descobertas onde aprendemos a cada dia com o educando um universo de desafios (LOURO, 2013).

Para Rocha (2013) o desempenho e a inclusão de cada aluno deve ser motivo de alegria por parte do professor e para aquele que está encontrando dificuldade na aprendizagem quando não quer brincar com um brinquedo que vê como errado para si, então, o educador deve proporcionar a criança atividades distinguidas, ou seja, que tenham sentido para o aluno, que seja de seu cotidiano. O

educador deve despertar na criança o desejo para que ele passe a interagir harmoniosamente com o ambiente escolar.

Assim sendo, não existe educação de qualidade sem o bom professor, a capacidade para ensinar a matéria não depende apenas do domínio do conteúdo, o saber é importante, na verdade o professor precisa estar apto para transmitir o conteúdo de forma adaptada, adequada, para dar melhor acesso ao mundo, principalmente sobre assuntos que ainda são considerados tabus, como é o caso de gênero e sexualidade. Tendo em vista que, a qualidade de um sistema educacional não será maior que a qualidade de um professor, pois, é estimulante para qualquer criança está diante de um profissional capacitado favorecendo para que haja uma aprendizagem bem-sucedida e produtiva.

3 PEDAGOGIA DE GÊNERO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL, MUNICÍPIO DE JACAREACANGA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa terá como base autores que discutem o cuidar e o educar na educação infantil, enfatizando as relações de gênero. Estudar a questão de gênero nesta etapa da educação básica é fundamental, pois leva em consideração a singularidade das crianças, respeitando as suas dimensões culturais e sociais. Para a construção do trabalho foram usados alguns autores como: Auad (2017); Bujes (2002); Falares (2008); Londes (2017); Louro (2013); Ribeiro (2007); Rocha (2013) e Silva (2016), dentre outros.

Segundo Rampazzo (2003, p. 53), “A pesquisa descritiva procura, pois, descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e sua conexão com outros, sua natureza e suas características”. O autor explica que é preciso buscar várias relações e situações que acontecem na vida social, política e econômica, e consequentemente, os seus aspectos de indivíduo tomado isoladamente ou grupos bem como comportamento humano.

Usar a técnica de coleta de dados com aplicação de questionário que permite obter informações, as quais servem de base para a obtenção dos resultados. Foram coletados dados e analisados e transformados em informações que respondam o objetivo do estudo. Desse modo, os sujeitos estão demonstrados no quadro 1.

Quadro 1. Sujeitos entrevistados. Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacareacanga-PA (2022).

Educadores	Formação/Especialização	Tempo na EI
E ₁	Pedagogia; Sim.	17 Anos
E ₂	Pedagogia; Cursando.	11 Anos
E ₃	Pedagogia; Não.	3 Anos
E ₄	Pedagogia; Sim.	6 Anos
E ₅	Pedagogia; Não.	13 Anos

Participaram da pesquisa 5 (cinco) professores graduados em Licenciatura Plena em Pedagogia, somente 2 (dois) possuem especialização, 1 (um) está cursando especialização e 2 (dois) não tem especialização. Quanto ao tempo como profissional na Educação Infantil está entre 3 a 17 anos.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

O Centro Infantil Professora Irene Brelaz, está situada na travessa Presidente Médici, s/n no bairro Bela Vista, nesta cidade de Jacareacanga, no estado do Pará. A Escola foi fundada no dia 3 de fevereiro de 1993, e recebeu o nome da Professora Irene Brelaz, que era funcionária pública do Município e foi homenageada com a construção da escola.

O quadro funcional desta escola atualmente é constituído por uma equipe formada 01 (uma) diretora, 01 (uma) secretária e 02 (dois) auxiliares administrativos, um núcleo pedagógico formado por 02 (duas) coordenadoras pedagógicas, 21 (vinte e um) professoras regentes de classe e 04 (quatro) vigias, 04 (quatro) merendeira e 07 (sete) serventes. Contêm um quadro discente formado por 330 alunos, devidamente matriculados em dois turnos, matutino maternal, jardim I, vespertino jardim I e jardim II, que primam pelo lema “Educar para Vencer”.

O espaço físico do Centro Infantil Irene Brelaz, contêm 02 (dois) pavilhões A e B, com 08 (oito) salas de aula, sendo 04 (quatro) em cada pavilhão, 02 (dois) depósitos, 01 (um) para material didático, e o outro para guarda a merenda escolar, 01 (uma) cozinha, 01 (um) refeitório, 06 (seis) banheiros, 01 (um) para cadeirante, 02 (dois) infantil, 01 (um) masculino, 01 (um) feminino, 02 (dois) para funcionários, 01 (um) para crianças do maternal estruturado para educação infantil, 01 (um) bebedouro, 01 (uma) área para descanso, e 01 (uma) secretaria anexa a diretoria da escola.

A escola conta projetos sobre temas relevantes como: Higiene Bucal; Saúde; Alimentação; Datas Comemorativas e eventos realizados pela escola durante todo ano como comemoração Dia das Mães; Festas Juninas, Dia dos Pais; Dia das Crianças e Natal, fora eventos de data importantes em feriados nacionais.

3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA EI

Foram coletadas informações com a visão de professores que atuam na Educação infantil com a finalidade de conhecer a realidade em sala de aula, e quais metodologias utilizam para que venha a trabalhar questões de gênero e que possa influenciar no dia a dia dos alunos da Instituição de Ensino.

Iniciando a pesquisa com os professores que atuam na Educação Infantil em Jacareacanga-PA, perguntou-se na questão 1: **Você acredita que a Educação Infantil pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, no que tange às questões de gênero, com vista a diminuir problemas sociais como a violência de gênero e a homofobia? De que forma?** As opiniões dos educadores infantis estão demonstradas no quadro 2.

Quadro 2. A EI pode contribuir para uma sociedade mais igualitária. Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacareacanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“Através do diálogo podemos. Sim, pois é nessa fase que a criança está construindo seu caráter, falar sobre esse assunto vai fazê-la respeitar as diferenças de saber lidar com o amiguinho que é diferente dele, mas que é tudo gente que podemos ser felizes juntos”.</i>
E ₂	<i>“Sim, acredito que a educação infantil e de grande importância na vida das crianças. A forma mais eficaz e trazer a família para escola e juntos fazerem parte desse grande desafio para o melhor desenvolvimento perante a sociedade discutindo sobre a sexualidade e suas descobertas”.</i>
E ₃	<i>“Além da união família e escola, precisamos do auxílio de um psicólogo para que juntos possamos trabalhar maneiras de diminuir essas violências psicológicas, tais como preconceito racial, homofobia e etc.”.</i>
E ₄	<i>“Sim, a instituição escolar precisa dispor de ambientes e profissionais que possibilitam a prática de valores, igualdade e respeito entre pessoas de sexos diferentes e permita que a criança conviva com todas as possibilidades relacionadas ao papel do homem e da mulher”.</i>
E ₅	<i>“Teoricamente é através da educação que o indivíduo se torna alguém mais tolerante e consciente acerca de seus próprios atos em relação aos outros”.</i>

Os entrevistados relataram que com o trabalho realizado desde a infância na educação infantil, os indivíduos já terão uma visão e assim conhecer as diferenças e respeitando as diferenças de cada um, tornando-se tolerante no mundo em que vivemos sobre as relações tanto do homem quanto da mulher.

Segundo Pereira e Oliveira (2016) destacam que desde a infância na pré-escola o ser humano já vai tendo contato e principalmente conhecendo outras realidades do que é vivenciado somente no espaço familiar, onde que se for um menino os pais comprarão somente brinquedos de acordo com seu sexo, e na

escola esse indivíduo terá o contato com outras crianças como meninas e consequentemente brincarão com brinquedos diferentes e respeitar os outros colegas.

Diante do exposto destaca-se a importância da escola, pois na atualidade as crianças são sozinhas, no entanto com o contato escolar, eles têm essa realidade de já viver entre outras crianças de ambos os sexos e reconhecer o espaço de cada um e explorar novos momentos que estejam ligados ao gênero de cada um, brinquedos e brincadeiras.

Na questão 2 destacou-se: **O que você acredita que se deve fazer se um menino quiser brincar com bonecas e uma menina com tratores e ferramentas?** As opiniões dos educadores estão demonstradas no quadro 3.

Quadro 3. Visão sobre o brincar com brinquedos de meninos e meninas. Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“Devemos sempre orientar sobre as questões de gênero, falando, pois as meninas podem brincar de carrinho, pois as mulheres dirigem carros, os meninos podem jogar futebol, a melhor jogada do mundo tem uma mulher, o menino pode brincar de boneca, pois um dia ele será pai”.</i>
E ₂	<i>“Acredito que de uma forma bem clara onde a criança possa entender sobre as diferenças entre os brinquedos”.</i>
E ₃	<i>“Deixar a criança à vontade em brincar com o brinquedo que quiser, pois um objeto seja qual for não definirá o seu gênero. Caso os pais ou o professor criticarem a criança, acredito que pode ou caracterizar crime de homofobia”.</i>
E ₄	<i>“Acredito que não tem problemas esse tipo de brincadeira, muitas vezes faz parte do desenvolvimento normal da criança”.</i>
E ₅	<i>“Primeiro ter em mente que o fato de escolha de um determinado objeto não mudar o gênero de ninguém, o que é preciso é mudar a forma de pensar respeitando as pessoas como elas são”.</i>

Os professores quanto à diferença de brinquedos responderam que deixam as crianças a vontade quanto aos brinquedos, mas quando são surpreendidos esse é de menino e esse de menina, entram com explicações que apontem que tanto mulheres como homens dirigem, nisso eles já entenderão que é necessário respeito, assim como meninos podem brincar de bonecas, pois um dia se tornarão pais.

Torres e Queiroz (2015) citam que em casa as crianças já são inseridas no mundo da sexualidade de cada um quando a família prepara o espaço somente azul para meninos e o rosa para meninas, as formas que eles são levados diariamente, as compras de brinquedos e objetos de acordo com o gênero já carrega a responsabilidade do seguimento. Entretanto, na escola as crianças já conhecem outra

realidade diante do convívio e que ele muda a cabeça das crianças quanto esse assunto levando a entender que podem brincar com outros brinquedos e entenderem sobre as cores.

Nesse posicionamento, as questões de gêneros são trabalhadas desde a educação infantil com o objetivo de demonstrar para as crianças que brincar com um brinquedo diferente do seu gênero não vai mudar sua sexualidade, mas sim que eles aprendam a respeitar o outro e o espaço de cada um.

Continuando com a questão 3 perguntou-se: **Em sua prática pedagógica, você contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre seus alunos?** Os relatos dos entrevistados estão descritos no quadro 4.

Quadro 4. Contribuição para promoção da igualdade de gênero. Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“Sim, pois todos os alunos são iguais, tem os mesmos deveres e direitos, independentemente do sexo”.</i>
E ₂	<i>“Sim”.</i>
E ₃	<i>“Sim, por exemplo, na recreação algumas vezes usamos brinquedos coloridos (bambolês). E explicamos que menino podem usar bambolês rosas e meninas podem bambolês azuis”.</i>
E ₄	<i>“Sim, contribuir a igualdade de gênero na escola e evitar que processos de discriminação ocorram, entretanto é importante que seja praticada desde os primeiros anos”.</i>
E ₅	<i>“Sim”.</i>

Os docentes responderam que fazem uso de metodologias para promover a igualdade de gênero entre os discentes, como cita o educador 4(quatro) sobre a explicação que eles podem usar cores diferentes dos bambolês de acordo com seu gênero e isso não mudará a sua sexualidade. O profissional atuante na educação infantil deve apresentar essa mistura de brinquedos que as crianças não estão acostumadas a verem em casa, e assim ir explicando sobre essas questões que o mundo demonstra como errado para meninos e meninas, iniciando pelas cores e diferenças de brinquedos (ROCHA, 2013).

Diante do exposto o professor é responsável por muitos assuntos que a criança verá desde a educação infantil até a continuação dos seus estudos quando adulto, pois durante a etapa escolar conhecerá questões que em alguns casos não são abordados em casa e isso fará que ele tenha contato direto, quando se relaciona com outras pessoas, pensamentos diferentes e principalmente sobre o respeito e opinião contrária as suas.

Vivemos em uma sociedade multicultural e ainda assim presenciamos o preconceito nas questões de gênero, uma “guerra” entre meninos e meninas. Desse modo, continuando com a entrevista com os docentes da Educação Infantil de Jacareacanga-PA, perguntou-se na questão 4: **Como lidar com situações constrangedoras na escola?** Os colaboradores da pesquisa expressam suas concepções no quadro 5.

Quadro 5. Como lidar com situações constrangedoras na escola?.Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacareacanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“É importante que o professor faça essa ponte entre a escola, a família e detectar os problemas existentes no ambiente escolar para contribuir com os vários tipos de exclusões e ao mesmo tempo realizar um trabalho contra violência”.</i>
E ₂	<i>“É um assunto bem delicado, mas enquanto professora, devemos sempre está buscando conhecimento sobre o assunto e encontrar uma solução para essas situações”.</i>
E ₃	<i>“Comunicar o corpo técnico, a direção e juntos procurar meios de como conduzir tal situação. Um dos meios é conversar com os pais das crianças e entender de que forma a criança é educada”.</i>
E ₄	<i>“Primeiramente é importante que o professor esteja aberto para promover as discussões sobre as diversidades de gênero e sexualidade e ter conhecimento sobre essas diferenças”.</i>
E ₅	<i>“É preciso uma conscientização em massa pautado no respeito mútuo, as escolhas que fazemos não alteram quem somos”.</i>

Em relação ao preconceito sobre as questões de gêneros os entrevistados destacaram que é necessário que tenha conhecimento sobre o assunto, e muita cautela ao abordar uma situação desagradável que venha ocorrer na escola ou em sala de aula, levando orientar eles que o respeito é em primeiro lugar e que as escolhas de cada um não alteram o que cada um é, frisa o educador (5).

Ribeiro (2007) hoje vivemos em uma atualidade preconceituosa e com problemas em relação a respeitar a escolha do outro, com isso a escola tem uma reponsabilidade grandiosa, principalmente quando as crianças já conhecem o preconceito deste a convivência familiar. C como exemplo cita-se o pai que não ajuda em casa e cresceu que mulher precisa estar em casa, cuidado dos filhos que ela não pode trabalhar e nem ter seu espaço como mulher atualizada, ou até mesmo não permitir que o filho use algo com cores conhecidas como feminina.

Dessa forma há uma grande carga de responsabilidade sobre a escola e os profissionais em relação às questões do que é conhecido e vivido dentro de cada lar, levando até mesmo em alguns momentos a terem conflitos com a família que não permite algo visto diferente dos que eles querem que os filhos sigam em vida, é nesse momento que os projetos e ações na escola são responsáveis por mudanças para o entendimento.

Diante do que destaca a importância do professor no uso de metodologias na questão 5, questionou-se: **Estimular que as crianças brinquem juntas, sem distinção, sem impor que brinquem com brinquedos ou atividades separadas por gênero, é papel do professor?** As opiniões dos educadores infantis estão relatadas no quadro 6.

Quadro 6. Papel do professor diante das atividades. Fonte: Professores do Centro de Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“O papel do professor facilitador na brincadeira; é de observador elaborando registro daquilo que a criança mostrou durante o brincar, observando as diferentes linguagens sociais, afetivas e emocionais de cada criança”.</i>
E ₂	<i>“Não necessariamente, pois a família já tem esse papel de impor, há criações que não tem nenhum brinquedo e isso acaba estimulando que brinquem com outros brinquedos”.</i>
E ₃	<i>“Não. Acredito que seja papel dos pais em casa, e o papel dos professores enquanto sala de aula é desenvolver aquilo que eles já aprendem em casa”.</i>
E ₄	<i>“Sim”.</i>
E ₅	<i>“Deve-se partir da família primeiramente”.</i>

Somente um entrevistado respondeu que “SIM”, que o professor possui um papel diante da questão brincadeiras e brinquedos juntos sem separação. Os demais relatam que o professor como facilitador só levará adiante o que já aprendido em casa, pois essas questões são de responsabilidade da família, pois conforme vão brincando são estimulados a brincarem com outros brinquedos.

De acordo com Louro (2013) as questões de gênero cada dia mais avançam para novos debates, destacando sobre a importância da escola como agenciador do que não é vivido em casa e assim levando os alunos a conhecerem a realidade através da convivência e o respeito acima de qualquer situação, destacando o que a escola busca sempre em realizar trabalhos em que a família seja participativa nesse processo.

Destaca-se na fala dos entrevistados com a afirmação do autor que a escola será sempre aquela que demonstra e trabalha em prol da vivência e da realidade cotidiana, pois nesse espaço o indivíduo torna-se melhor, respeito seu colega ou até mesmo aqueles que não têm afinidades, mas sempre prezando pela importância da reverência mútua.

Na questão 6, perguntou-se: **Quais suas dificuldades/desafios em trabalhar com igualdade entre os gêneros ou falar dessa temática com seus alunos?** As concepções dos entrevistados estão descritas no quadro 7.

Quadro 7. Desafios em trabalhar com a temática da igualdade de gênero. Fonte: Professores do Centro de Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2022).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E₁	<i>“As dificuldades é que não temos apoio e nem recursos para se trabalhar como queremos”.</i>
E₂	<i>“Por enquanto não vejo dificuldades quanto a esse assunto”.</i>
E₃	<i>“O maior desafio ainda é unir escola e família para que possamos falar uma mesma linguagem. Para casos como esse de desigualdade não possam acontecer”.</i>
E₄	<i>“Todas, porque é muito complexo em conversar com eles, pois eles ainda não conseguem assimilar sobre o assunto”.</i>
E₅	<i>“Nenhuma”.</i>

Diante dos desafios e dificuldades quanto à igualdade do gênero os dois dos entrevistados destacaram que não encontram problemas quanto a esse assunto. Já os demais destacam sobre a falta de apoio e materiais para trabalhar essas questões, outro destaca que é complexo, pois as crianças ainda são imaturas para esse entendimento.

Nessa perspectiva, Oliveira (2002) comenta que, para o sucesso do educador é preciso ter conhecimento do assunto e das problemáticas que ele apresenta, e que já esteja preparado para que adiante venham dúvidas e contestações dos discentes do que é novo, do que conhece de forma diferente, mas que já abre uma discussão e indagação no seio familiar levando muitas vezes a própria família conhecer a realidade do que conhecem.

Em um mundo que cada vez mais o preconceito é alto a escola sempre busca meios de demonstrar para os alunos, quanto para os pais e a comunidade que existe desigualdade sobre essas questões de gênero e que juntos podem realizar

um trabalho para que venha mudar essas situações que em alguns casos torna-se constrangedor para crianças, professores e até pais.

Seguindo com a entrevista aos professores da educação infantil, na questão 7, perguntou-se: **Na hora da brincadeira ou outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos?** As opiniões dos educadores infantis estão demonstradas no quadro 8.

Quadro 8. Há diferença no tratamento entre meninos e meninas. Fonte: Professores do Centro de Educação Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2021).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	"Não".
E ₂	<i>"Depende muito da brincadeira. Há brincadeiras que são desafios menino x menina, mas nunca houve problema e nem diferenciação entre eles".</i>
E ₃	<i>"Não, sempre trabalhamos a inclusão em todas as atividades justamente para que eles entendam que precisam ter esse contato entre ambos".</i>
E ₄	<i>"Não, eu como professora não faço essa diferença".</i>
E ₅	"Não".

Todos os professores responderam que "NÃO" possuem formas diferenciadas de tratamento entre meninos e meninas e todos são tratados iguais, como destaca o educador (3) que as crianças precisam ter o contato entre ambos e esse momento é necessário. Segundo Londes (2017) os docentes não devem tratar com diferenças os sexos em sala de aula, pois isso já pode gerar um conflito entre ambos, o que é necessário é que entendam que meninos usam banheiros de masculinos e assim as meninas em seu espaço, mas em sala de aula, em brincadeiras e eventos da instituição eles são iguais.

É essencial que ocorra um tratamento só para as crianças em sala de aula, pois se o profissional trabalha com essa diferença já cria uma problemática na cabeça deles levando a encontrar atritos entre si como uma proteção criada ou imaginária por esses discentes.

Na última questão destacou-se: **Em sua opinião, os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?** As opiniões dos educadores infantis estão demonstradas no quadro 9.

Quadro 9. Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema? Fonte: Professores do Centro Infantil Irene Brelaz, Jacarecanga-PA (2021).

Educadores	Relato dos participantes da pesquisa
E ₁	<i>“Muitas vezes sim, pois ainda existe certa resistência quando se trata desse assunto”.</i>
E ₂	<i>“Nós tentamos da melhor forma trabalhar este tema, mas os materiais didáticos muitas vezes deixam a desejar, pela falta dele mesmo”.</i>
E ₃	<i>“Acredito que estamos quase na mesma, percebo enquanto professor a falta de inclusão nos materiais com tema LGBT, um olhar singularizado para esse público”.</i>
E ₄	<i>“Sim, dependendo do tipo de materiais didáticos que será utilizado na sua aula”.</i>
E ₅	<i>“Não estão preparados, continuam reproduzindo”.</i>

Os educadores responderam que ainda é pouco o que se encontra nos materiais didáticos, mas o maior destaque está na resistência de abordar o tema, pois eles ainda são crianças e nem sempre entendem de forma de um adulto ou até mesmo de alunos de séries maiores. Nesse aspecto, Auad (2017) destaca que o grande aliado dos profissionais da educação são os materiais e livros didáticos, porém ainda há muito que trabalhar quanto essa parte e principalmente que o governo possa suprir a necessidade que é necessária para um trabalho realizado com sucesso, podendo assim alcançar os objetivos levantados pela instituição de ensino.

Destacando a fala dos educadores e do autor vem a reflexão que é necessário ter uma cautela, pois mesmo que seja trabalhado desde a educação infantil é necessário que tenham cuidado quanto a abordagem desse tema, e principalmente de como ele vai ser exposto para que não haja um conflito de ideias na cabeça desses discentes e que eles possam entender errado e chegar em casa afirmando situações que não foi repassada ou abordado pelo profissional da educação.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Um dos desafios que o professor encontra no dia a dia é a forma que a criança já é criada em casa, quanto a momentos de emoções, como em brincadeiras que os meninos só podem brincar com brinquedos masculinos e muitas vezes a criança se opõe a não pegar e completar a brincadeira, com o receio de ser repreendido e assim que possa ocorrer alguma interferência da professora.

A falta de materiais de apoio e didático torna-se também um empecilho para a aplicação de metodologias que venham influenciar no desenvolvimento dos alunos, uma vez que quando se tem esse material é mais fácil para realizar elaborações nas aulas. Propõe-se que os professores busquem parcerias, faça adaptações para aplicar as aulas e assim demonstrar a esses discentes sobre a importância da igualdade de gênero e o respeito mútuo.

Por fim, destaca-se o conhecimento dos professores diante do assunto a ser abordado, é importante que os mesmos busquem se especializar ou até mesmo cursos para o conhecimento de como abordar e trabalhar com metodologias que possam auxiliar suas aulas, assim como também como aproximar à família e a escola diante desse contexto ligado à questões de gênero que muitas vezes já vem o preconceito próprio de sua criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é centro de inúmeras mudanças na vida desses alunos no ensino infantil, lá vivenciarão descobertas ligadas ao biológico, físico, social, cultural, emocional e cognitivo, diante disso ela terá uma construção de sua identidade, mesmo que eles já tenham o discernimento diante da criação de histórias de meninos e meninas, e que vai ter essa relação de ambos juntos e que fazem as mesmas coisas sem restrição.

A importância da aplicação da pedagogia do gênero se dar pelos avanços que as crianças têm diante do ensino aprendizagem na escola, levando a crê que a quando elas têm conhecimento e vivenciam nas metodologias aplicadas, vão deixando de lado cada vez mais esse tabu já colocado no seio familiar e na sociedade onde participam, e isso fará que esse processo seja evolutivo, como exemplo cita-se o machismo pelos meninos.

O cuidado existente na educação infantil é uma forma de demonstrar a criança que aquele espaço não é diferente do familiar, mas que sua importância para seu desenvolvimento é essencial, e que as descobertas nas escolas serão cada vez maiores, uma vez que o professor utiliza metodologias que incentive a busca pelo conhecimento. O professor é o mediador principal pelo contato direto com seus alunos é o mais importante nesse processo, pois a pedagogia de gênero busca intensificar a parceria entre ambos através da criação de laços e que por meio do docente eles vejam que não precisam ser diferentes e muito menos tratar com indiferença o outro do sexo oposto.

Os pais também possuem um papel importante nesse desenvolvimento, pois quando ele ouve e participa das aulas, ao chegar em casa conta sobre o aprendizado e isso leva eles a entrarem em contradição do que foi vivido em casa, então cabe aos pais a acompanhar seus filhos e ajudarem no desenvolvimento do entendimento do momento. A escola junto com a equipe pedagógica deve traçar projetos e metodologias que coloque as crianças juntas e misturadas para que elas entendam sobre esse processo, que meninas e meninos podem brincar juntos, sempre respeitando o espaço do outro, que todos eles precisam de cuidado diante de qualquer situação.

Alguns meninos quando vão à escola pela primeira vez já possuem aquele sentimento de machismo repassado pelo pai no caso, desse modo à criança sempre

as meninas de maneira diferente como se ele fosse um líder ou acima delas, nesse momento é necessário que a escola use de parâmetros que ajude tanto esse discente como buscando meios que também chegue até a família. Em alguns casos até mesmo as professoras sofrem com momentos machistas de meninos, faltando com o respeito, não obedecendo à professora diante de estratégias e metodologias de aprendizagem, sendo agressivo, muitas das vezes se dar talvez pela criança presenciar atos em sua casa.

Diante da compreensão dos professores da educação infantil quanto à ideologia de gênero na prática educativa, os mesmos destacam a importância dos profissionais estarem especializados e serem conhecedores do assunto para que assim possa abordar de forma correta e concisa. A ideologia de gênero não interfere na organização das salas de aulas e das atividades pedagógicas, pois é feito para ambos os sexos e não tem a questão de separação de meninos e meninas.

A relação de gênero na Educação Infantil contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre os alunos, pois desde essa idade as crianças já possuem uma socialização geral e o convívio leva a entender que não é necessário distinção dos sexos. Quanto aos desafios dos professores em trabalhar com igualdade entre os gêneros ou falar dessa temática com seus alunos, destaca-se a falta de materiais pedagógicos e didáticos específicos para dinamizar as aulas e promover a qualidade no ensino infantil primando pela diversidade e a não violência.

REFERÊNCIAS

- ARIES, Maria Carmen Silveira. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**, 1978. Educação e Sociedade.
- ANJOS, Paulo Nunes de; ROCHA, Antônio Carlos Oliveira; NUNES, Elineuda Ramos; SILVA, Caroline Peixoto. **Educação técnicas e jogos pedagógicos**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ALVES, Rosinéia Santos de; CALDEIRA, Mayra Rayane. **Educação Sexista**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- AUAD, Fabrício Conceição. A **diferença entre meninos e meninas**. 1ª ed. Santa Catarina. Saraiva v. 1, n. 4, p.177-192, 2017.
- BRASIL, **Constituição República Federativa do**. 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF. 2001.
- BUJES, Gabriel. **Educação: a solução está na socialização entre meninos e meninas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.
- FALARES, Jaime Pedrosa. **Educação infantil e a qualidade de gênero**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Atlas, 2008.
- FINCO, João José Saraiva da. **Educação escolar infantil e o gênero**. 1ª ed. Fortaleza, Iped, 2008.
- FURLAN, Adriana; MULLER, Eidra Torres. **Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 2015.
- LAJOLO, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LONDES Carlos, Cipriano. **Ludicidade e Atividades Lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna em creches infantis**. 2ª ed. São Paulo Atlas, 2017.
- KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- LOURO, Jean Gomes. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho**, 3ª ed. Santa Catarina, 2007.
- LOURO, Jean Gomes. **Jogos e brincadeiras - meninos e meninas** 1ª ed. Santa Catarina, 2013.
- OLIVEIRA, Danúbia de. **As relações na educação infantil de meninos e meninas**. Caxias do Sul. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Educação Infantil, Universidade de Caxias do Sul, 2002.

PEREIRA, Francisco Carlos; OLIVEIRA, Pauliana. **Jogos e brinquedos na educação infantil**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Artmed, 2016.

PHILIP, Joseph Rondes; GUIZZO, Antony Carl. **Psicologia Social: a criança em movimento**. Londres: Brasiliense, 2004.

RAMPAZZO, Carlos André. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

RIBEIRO, Nelson Carvalho. **Pedagogia e o Ensino Aprendizagem: uma introdução**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2007.

ROCHA, Maria Cecília; GOMES, Brenda da Silva; RODRIGUES, Maria Leonilda, CAMPOS Rosália Teixeira. **A criança na educação infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ROCHA, Rosemary Lacerda. **Formação de Educadores para uma Prática Educativa Lúdica: pode um peixe viver fora d'água fria**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SILVA, Geni Serrano dos; GOMES Carmelindo Souza. **O Papel da Escola na Formação do Cidadão**. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Artmed, 2016.

STACK, Andressa Gonçalves Cavalcanti. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro, Três Corações, v. 1, n. 1, 2016.

TORRES, Olivia; QUEIROZ, Maria Aparecida. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

TUNES, Elizabeth. O Professor e o Ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez, 2006.

APÊNDICE

Prezado (a) professor (a).

Somos AURIANI PEREIRA DA SILVA e EDIZELDA CAVALCANTE DE LIMA, *concluintes do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba (FAI), e estamos desenvolvendo nosso Trabalho de Conclusão de Curso que objetiva **compreender a organização da Pedagogia do Gênero nos Centros de Educação Infantil de Jacareacanga-PA, de modo a identificar a influência no desenvolvimento das crianças.***

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

I. Identificação:

- a) Formação: _____
- b) Tem especialização? _____
- c) Há **quanto tempo** atua com turmas de Educação Infantil? _____ anos.

II. Prática docente:

1 - Você acredita que a Educação Infantil pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, no que tange às questões de gênero, com vista a diminuir problemas sociais como a violência de gênero e a homofobia? De que forma?

2 - O que você acredita que se deve fazer se um menino quiser brincar com bonecas e uma menina com tratores e ferramentas?

3 – Em sua prática pedagógica, você contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre seus alunos?

4 - Vivemos em uma sociedade multicultural, e ainda assim presenciamos o preconceito nas questões de gênero, uma “guerra” entre meninos e meninas. Como lidar com situações constrangedoras na escola?

5 – Estimular que as crianças brinquem juntas, sem distinção, sem impor que brinquem com brinquedos ou atividades separadas por gênero, é papel do professor?

6 – Quais suas dificuldades/desafios em trabalhar com igualdade entre os gêneros ou falar dessa temática com seus alunos?

7 – Na hora da brincadeira ou outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos?

8 – Em sua opinião, os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?
